

INHOTIM

Jardim de Transição



Sumário

Introdução Alita Mariah, Gleyce Kelly Heitor	17
Jardim de Transição Sabrina Carmo	21
Transições de um jardim Sílvia Almeida	27
Cotidiano de cuidado Hamilton Conceição da Silva	35
Encruzilhada de biomas Bernardo Machado Gontijo	39
Berço das águas e coração do Brasil Lucely Morais Pio	45
Kamakã Ihaná Povo indígena Kamakã Mongoyó	51
Um, outro e a paisagem entre eles Lívia Lana	55
Nos jardins, cada tempo é um Geraldo Almeida	61
A migração que faz um jardim Samuel Gonçalves	65
Cuidando do que vem de longe Alexandre Santos Souza	69
Palmeiras de frutos grandes e adocicados Laís Silva	73
Guardar uma história Bárbara Sales	75
Uma árvore sendo escola Luiza Verdolin	79

Os pequizeiros são relíquias Thamyris Bragioni	83
Retratos da travessia Matheus Nogueira	87
Uma cabeça coroada Ricardo Preto do N'Gunga	93
Uma árvore refugiada Karen Shiratori	101
ENSAIO VISUAL	
Ensaio para emaranhar vizinhanças Duo Paisagens Móveis — Bárbara Lissa, Maria Vaz	107
POSFÁCIO	
Entre palavras e imagens, a transição como método editorial Clarice Lacerda, Maria Carolina Fenati	241
LISTA DE ESPÉCIES	
Jardim de Transição	255
REFERÊNCIAS	
269	
COLEÇÃO JARDINS DO INHOTIM	
271	
FICHAS TÉCNICAS	
275	

Contents

VISUAL ESSAY

Essay on Entangling Proximities Duo Paisagens Móveis — Bárbara Lissa, Maria Vaz	107
Introduction Alita Mariah, Gleyce Kelly Heitor	151
Jardim de Transição Sabrina Carmo	155
Transitions of a Garden Sílvia Almeida	161
Everyday Care Hamilton Conceição da Silva	169
A Crossroads of Biomes Bernardo Machado Gontijo	173
Cradle of Waters and Heart of Brazil Lucely Morais Pio	179
Kamakã Ihaná Kamakã Mongoyó Indigenous People	185
One, the Other, and the Landscape Between Them Lívia Lana	189
In the Gardens, Each Season Is Its Own Geraldo Almeida	195
The Migration that Shapes a Garden Samuel Gonçalves	199
Caring for What Comes from Afar Alexandre Santos Souza	203
Palms Bearing Large, Mildly Sweet Fruits Laís Silva	207

Preserving a History Bárbara Sales	209
A Tree as a School Luiza Verdolin	213
Pequi Trees Are Relics Thamyris Bragioni	217
Portraits of a Passage Matheus Nogueira	221
A Crowned Head Ricardo Preto do N'Gunga	227
A Refugee Tree Karen Shiratori	233

AFTERWORD

Between Words and Images: Transition as Editorial Method Clarice Lacerda, Maria Carolina Fenati	247
---	------------

SPECIES LIST

Jardim de Transição	255
----------------------------	------------

REFERENCES

	269
--	------------

INHOTIM GARDENS COLLECTION

	272
--	------------

CREDITS

	275
--	------------



Uma árvore refugiada

Karen Shiratori

No Dia da Árvore de 2021, em frente ao portão da embaixada da Noruega em Brasília, Sônia Guajajara — atual ministra dos Povos Indígenas, e na época coordenadora da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), uma das principais organizações de representação indígena nacional — solicitou o refúgio a uma árvore de jatobá (*Hymenaea courbaril*).¹⁵

O jatobá havia partido de seu território de origem após sobreviver a um incêndio massivo; navegou pelas águas turvas de um rio amazônico a bordo de um recreio; caminhou pelo leito seco de um dos muitos rios amazônicos de regime hidrológico reprimido;

¹⁵ A pesquisa para este artigo foi apoiada pelo projeto eco – Animals and Plants in Cultural Productions about the Amazon River Basin, European Research Council (grant agreement no. 101002359).

viajou em trem cargueiro, em caçamba de caminhão por estradas de terra e viu o centro cimentado de São Paulo antes de chegar ao Planalto Central, onde ficam a capital do país e as sedes das embaixadas. Essa foi a primeira árvore na história a solicitar refúgio. Se rios, montanhas, animais, lagos e outros seres não humanos estão sendo, paulatinamente, reconhecidos como sujeitos de direitos, por que uma árvore não poderia ser refugiada?

Na Floresta Amazônica, um jatobá pode medir quase 40 metros de altura, erguendo-se com um tronco reto e cilíndrico de até um metro de diâmetro. A casca é lisa, grossa, de cor vermelha-escura e tem uma particularidade: cresce em velocidade distinta dos tecidos da parte interna, fazendo com que se rompa com facilidade, o que cria fendas no seu corpo vegetal. O jatobá cicatriza essas fendas secretando resinas perfumadas que selam o seu tronco e seus galhos, prevenindo a ação de fungos e bactérias. A resina acumulada nas cicatrizes, ao se cristalizar, forma corpos vítreos amarelados, translúcidos e brilhantes que, em muitas partes da Amazônia, são conhecidos como breu de jatobá.

Os Jamamadi, povo indígena falante de uma língua arawá que vive nas terras firmes do rio Purus, na Amazônia brasileira, interrompem a caminhada ao encontrar um exemplar dessa árvore. É preciso admirar sua frondosidade e, ao mesmo tempo, ter cuidado com os espíritos *inamadi* que podem habitar sob sua copa. Se se sentirem desrespeitados, lançam seus dardos envenenados contra aqueles que transgridem a etiqueta. Somente após uma negociação silenciosa, é possível aproximar-se para buscar, nas fendas do tronco e sob as folhas caídas que se acumulam ao redor, a resina solidificada, ou breu, usada por suas propriedades terapêuticas e xamânicas.

Para seus vizinhos Paumari, povo também falante de uma língua arawá e habitante das margens do rio Purus, a resina do jatobá, chamada *ijori*, é pilada e adicionada ao rapé, tabaco em pó utilizado pelos xamãs. Ao inalar essa mistura durante a iniciação xamânica, o corpo adquire as propriedades da resina, vitrificando-se. Ao longo desse processo, a resina *ijori* também é introduzida inteira no corpo, materializando saberes e poderes xamânicos. Ao circular entre os corpos dos xamãs e de seus aprendizes, que a retiram de si para, em seguida, introduzi-la nos corpos dos jovens em formação, a resina *ijori* possibilita a transmissão intergeracional desses saberes.

Na estação chuvosa, essa espécie de jatobá acumula mais seiva e umidade e sua casca se desprende com facilidade. Esse é o momento para fabricar as canoas de casca de jatobá, muito comuns entre povos indígenas de diferentes regiões do país. Com paciência e cuidado, a casca é retirada inteira e moldada com a ajuda do fogo: a proa e a popa recebem suas curvaturas próprias. Para evitar que se deforme, a canoa é então mantida submersa no rio.

Além dessa, há cerca de outras quinze espécies do gênero *Hymenaea Linnaeus*, distribuídas pelo México e pelas regiões tropicais da América Central e da América do Sul. No Brasil, quase uma dezena delas ocorre em diferentes biomas, apresentando características morfofisiológicas distintas. Suas flores são apreciadas pelos morcegos, seus principais polinizadores, e também pelos beija-flores. No passado, os dispersores dos seus frutos eram os grandes mamíferos herbívoros da megafauna, hoje extintos, como a preguiça-gigante (*Megatherium*). Seus frutos, adaptados a esses grandes animais, são vagens lenhosas muito duras, característica que lhe dá seu nome em tupi, *iata'yba*, que significa “árvore de frutos duros”. Na região de Lagoa Santa, em Minas Gerais, o naturalista dinamarquês Peter Lund descobriu centenas de fósseis desses mamíferos gigantes do Pleistoceno. Hoje, o jatobá conta com dispersores secundários, animais como a anta e a cutia, dos quais depende em grande parte sua regeneração no meio ambiente.

Na zona de transição entre os biomas Mata Atlântica e Cerrado, a espécie mais comum é o jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), uma árvore mais baixa em comparação ao seu parente das regiões mais úmidas, e com folhas semelhantes às do cajueiro (*Anacardium sp.*). No Jardim de Transição do Inhotim há duas plantas dessa espécie, ainda jovens, que vieram de um mesmo viveiro do estado de São Paulo. Os jatobás, cada vez mais raros nas matas da região, precisam muitas vezes ser reproduzidos em viveiros para não se extinguirem localmente. Neste mesmo jardim, há outras muitas plantas provenientes de diferentes localidades, resgatadas ou criadas em viveiros, que encontram um refúgio diante da ameaça de extinção e de destruição de seus territórios. São plantas que se somam aos outros milhões de refugiados, humanos e não humanos, do mundo.

O jatobá migrante que foi em busca de refúgio na embaixada da Noruega representa as muitas plantas que buscam um espaço de

vida onde seus vínculos ecológicos, sociais e espirituais possam ser refeitos. Indivíduos vegetais que têm, cada um, sua história, ligada a culturas e formas de vidas distintas, e tantas vezes entrelaçadas com a história humana de modo que não é possível — ou relevante — separá-las. O seu apelo por refúgio é parte de uma campanha mais ampla, com o objetivo de chamar a atenção para o recrudescimento do desmatamento dos biomas e para a dimensão cosmológica da catástrofe que resulta na reivindicação por refúgio de seres humanos e não humanos.

O conceito jurídico “refugiado”, formulado na Convenção de Genebra sobre o Estatuto do Refugiado de 1951 da Organização das Nações Unidas (ONU), está enraizado no contexto europeu pós-Segunda Guerra Mundial, e traça limites antropocêntricos bem marcados. De acordo com ele, um refugiado é qualquer pessoa que seja perseguida e tenha sua vida colocada em risco ou em perigo em seu país de origem.¹⁶ É evidente a necessidade de revisar esse conceito jurídico à luz das realidades atuais ameaçadas pela degradação ambiental, visando ampliar a proteção para os seres não humanos, como plantas e outros animais. Os refugiados ecológicos ou ambientais, também chamados de deslocados climáticos, vêm superando em número os refugiados de guerras, conflitos armados e regimes políticos repressivos, em razão da vulnerabilidade da vida num mundo cada vez mais instável, imprevisível e desordenado pela ação humana, que produz secas, erosão do solo, enchentes, desmatamento, incêndios, derrames de petróleo, entre outros tantos desastres.

Em 2021, aquele jatobá, de uma importante espécie manejada pelos povos indígenas, havia feito uma longa jornada para escapar das ameaças que colocavam sua vida em risco. As plantas migram em busca de refúgio à medida que o clima se transforma; procuram retalhos de mata onde possam se proteger do desmatamento e das queimadas em áreas degradadas; deslocam-se com a alteração dos

16 A Convenção de 1951 relativa ao Estatuto dos Refugiados, da Organização das Nações Unidas (ONU), reúne o conjunto de normas internacionais que definem quem é considerado refugiado, bem como os direitos dessas pessoas e os deveres dos Estados em relação à sua proteção. O documento pode ser consultado em: Organização das Nações Unidas (ONU). *Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados*. Genebra, 1951.

cursos dos rios barrados por hidrelétricas; refugiam-se em áreas de conservação para refazer seus laços ecológicos; e se exilam, à espera do momento propício para retornar à floresta.

Os jardins botânicos, as áreas de demarcação e preservação, os territórios políticos resguardados são possíveis espaços de refúgio para as plantas, e é preciso reconhecê-los, protegê-los e expandi-los, bem como afirmar as políticas que resguardam a possibilidade de elas seguirem vivendo nos territórios nativos. Disso depende a vida delas, e também a nossa, porque estamos interligados. No pedido de refúgio, lido por Sônia Guajajara, nos recordamos da interdependência entre os seres e da dignidade existencial dos não humanos: “Este é um pedido de refúgio. Sim, a primeira árvore da história a fazer esse pedido. Não apenas por si mesma. Mas por todas as árvores, e por toda a Amazônia. Por você. Por nós.”¹⁷

Karen Shiratori

É antropóloga americanista especializada em temas relacionados aos povos indígenas, à biodiversidade, aos conflitos ambientais e aos direitos territoriais. Trabalha na Amazônia brasileira, peruana e equatoriana. Atualmente faz parte do projeto ERC-ECO (Universidade de Coimbra, Portugal). É pesquisadora associada ao Centro de Estudos Ameríndios (São Paulo, Brasil), à unidade mista de pesquisa *Patrimoines locaux, environnement et globalisation* (Paris, França) e ao Grupo de Estudos sobre Culturas Indígenas e Afro-Americanas (Barcelona, Espanha). É coeditora e uma das autoras do livro *Vozes vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta* (2021), traduzido para o francês em 2024.

17 A carta lida por Sônia Guajajara foi veiculada integralmente à época do pedido, e é a partir de uma imagem que guardei que pude extrair a citação. Não voltei a encontrar a carta disponível na internet, embora posteriormente ela tenha integrado a campanha “O Jatobá Refugiado”, realizada pela agência África para a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) em 2021.

A Refugee Tree

Karen Shiratori

of our kilombola community. We deserve a comprehensive response that has been thoroughly discussed and worked through. We want to be heard; they need to speak with everyone, not just a few. They must take seriously what a kilombo is, and what our presence in this territory means—for we were here first. Compared to what they have, what they give us is very little. We want respect for our rights so we may live better.

We are calling for a change in the way mining is done. Whether it's a tailings dam or a water dam, we don't want it looming above us, because a dam is a trauma we carry constantly—it's a permanent threat, even when we are sleeping. We suspect that the reports don't correspond to the facts, and that certain actions lead to consequences that are incalculable and irreparable. It's impossible to deny or pretend not to see—just look and analyze the territory and listen to the elders speak about what it once was and what it has become. Our resistance tells us to stand our ground and keep fighting, because the struggle is for transformation. It is possible—there's still time—and future generations deserve to listen to the earth, touch the earth, smell it, feel the freshness of the plants, their aroma, and understand that all of this is medicine and nourishment.

Like our kilombo, many communities that have been in this region since the beginning have already been recognized, while others are still in the process. N'Gunga has come to strengthen and carry forward the voice of all Black people, of all Afro-Indigenous people who continue to resist in the Paraopeba Valley. We come from far back, and we will go far beyond. As people in the old times used to say: "Kilombo N'Gunga—Long live Jesus and Mary, represented!" A kilombo protects nature, and our dream is depollution, to see the waterfall flowing again, and to be able to swim once more together with our children, and our children's children too. To be able to fish and eat the fish from that water without a second thought, to be able to sleep in peace. What we want most is to know that we are embraced by a vast forest: we are part of it; we come from that same fertile, maternal, and feminine womb.

Ricardo Preto do N'Gunga

Guardian of the traditions of the Kilombo do N'Gunga, Congo King of the Reinado.

On Arbor Day 2021, before the gates of the Norwegian Embassy in Brasília, Sônia Guajajara—current Minister of Indigenous Peoples and, at the time, coordinator of the Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB – Articulation of Indigenous Peoples of Brazil), one of the country's leading Indigenous representative organizations—requested refuge on behalf of a jatobá tree (*Hymenaea courbaril*).¹⁶

The jatobá had departed its territory of origin after surviving a massive fire; it navigated the turbid waters of an Amazonian river aboard a riverboat; it trekked across the dry bed of one of many Amazonian rivers with suppressed hydrological regimes; it traveled by freight train and in a truck bed along dirt roads, and saw the concrete downtown of São Paulo before arriving at the Central Plateau, home to the nation's capital

¹⁶ Research for this article was supported by the project *eco – Animals and Plants in Cultural Productions about the Amazon River Basin*, European Research Council (grant agreement No. 101002359).

and its embassies. This was the first tree in history to seek refugee status. If rivers, mountains, animals, lakes, and other non-human beings are gradually being recognized as subjects of rights, why could a tree not become a refugee?

In the Amazon Rainforest, a jatobá may reach nearly 40 meters in height, rising with a straight, cylindrical trunk that can reach one meter in diameter. Its bark is smooth, thick, and dark red, possessing a distinctive characteristic: it grows at a different rate than the inner tissues, causing it to crack easily and creating fissures in its vegetal body. The jatobá heals these fissures by exuding fragrant resins that seal its trunk and branches, preventing the action of fungi and bacteria. As this resin accumulates in the wound and crystallizes, it forms translucent, glassy, amber-colored nodules widely known in the Amazon as jatobá resin.

For the Jamamadi, an Indigenous people of the Arawakan language family who inhabit the terra firme (upland) forests along the Purus River in the Brazilian Amazon, encountering a jatobá calls for a pause in their walk. It is necessary to admire its lush foliage, but care must also be taken with the *inamadi* spirits that may dwell beneath its canopy. If they feel disrespected, they launch their poisoned darts against those who breach the proper protocol. Only after a silent negotiation is it possible to approach and gather, from the cracks in the trunk and under the fallen leaves that accumulate around it, the solidified resin, or *breu*, used for its therapeutic and shamanic properties.

For their neighbors, the Paumari, a people who also speak an Arawakan language and inhabit the banks of the Purus River, the jatobá resin, called *ijori*, is pounded and added to rapé, a snuff used by shamans. Upon inhaling this mixture during shamanic initiation, the body acquires the properties of the resin, becoming vitrified. Throughout this process, the *ijori* resin is also introduced whole into the body, materializing shamanic knowledge and powers. By circulating among the bodies of the shamans and their apprentices—who remove it from themselves to subsequently introduce it into the bodies of the youths in training—the *ijori* resin enables the intergenerational transmission of this knowledge.

During the rainy season, this species of jatobá accumulates more sap and moisture, causing its bark to loosen easily. This is the time to craft jatobá bark canoes, which are common among Indigenous peoples across various regions of Brazil. With patience and care, the bark

is removed in a single piece and shaped over fire, giving the bow and stern their characteristic curves. To prevent deformation, the canoe is then kept submerged in the river.

In addition to this species, there are approximately 15 others in the genus *Hymenaea* Linnaeus, distributed throughout Mexico and the tropical regions of Central and South America. In Brazil, nearly a dozen occur in different biomes, presenting distinct morphophysiological characteristics. Their flowers are valued by bats, their main pollinators, and also by hummingbirds. In the past, the dispersers of their fruits were the large herbivorous mammals of the megafauna, now extinct, such as the giant ground sloth (*Megatherium*). Their fruits, adapted to these large animals, are very hard woody pods, a characteristic that gives the tree its Tupi name, *iata'yba*, meaning “tree of hard fruits.” In the Lagoa Santa region of Minas Gerais, Danish naturalist Peter Lund discovered hundreds of fossils of these giant Pleistocene mammals. Today, the jatobá relies on secondary dispersers, animals such as the tapir and the agouti, upon which its regeneration in the environment largely depends.

In the transition zone between the Atlantic Forest and Cerrado biomes, the most common species is the jatobá-do-cerrado (*Hymenaea stigonocarpa*), a tree that is shorter compared to its relative from more humid regions, and with leaves resembling those of the cashew tree (*Anacardium* sp.). In the Jardim de Transição (Transition Garden) at Inhotim, there are two young plants of this species that originated from the same nursery in the state of São Paulo. The jatobás, increasingly rare in the forests of the region, often need to be propagated in nurseries to prevent their local extinction. In this same garden, many other plants, originating from different locations—collected from different sites, rescued, or nursery-grown—find refuge from the threat of extinction and the destruction of their territories. They are plants that join the millions of other refugees, human and non-human, around the world.

The migrant jatobá that sought refuge at the Norwegian Embassy represents the multitude of plants seeking a living space where their ecological, social, and spiritual bonds can be re-established. These are individual vegetal beings, each with its own history, linked to distinct cultures and ways of life, and so often intertwined with human history that it is neither possible nor relevant to separate them. Its plea for refuge is part of a broader campaign aimed at drawing attention to

the resurgence of deforestation across biomes and the cosmological dimension of the catastrophe that results in the refuge claims by both human and non-human beings.

The legal concept of “refugee,” formulated in the United Nations’ 1951 Geneva Convention Relating to the Status of Refugees, is rooted in the European post-World War II context and traces clearly marked anthropocentric boundaries. According to the Convention, a refugee is any person who is persecuted and whose life is placed at risk or in danger in their country of origin.¹⁷ It is evident that this legal concept needs to be revised in light of current realities threatened by environmental degradation, with the aim of expanding protection for non-human beings, such as plants and other animals. Ecological or environmental refugees, also known as climate-displaced persons, already outnumber those displaced by wars, armed conflicts, and repressive political regimes, due to the vulnerability of life in a world made increasingly unstable, unpredictable, and disordered by human action, which produces droughts, soil erosion, floods, deforestation, fires, oil spills, among many other disasters.

In 2021, a jatobá tree—an emblematic species long cared for by Indigenous peoples—embarked on a long journey to escape the threats that endangered its existence. Plants migrate in search of refuge as the climate shifts. They seek forest fragments where they can protect themselves from deforestation and fires in degraded areas; they follow the altered courses of rivers dammed by hydroelectric plants; they take refuge in conservation areas to restore their ecological bonds; and they go into exile, waiting for the right moment to return to the forest.

Botanical gardens, legally demarcated preservation zones, and protected political territories are potential refuge spaces for plants, and it is imperative to recognize, safeguard, and expand these spaces, while upholding the policies that ensure plants can continue to live in their native territories. The survival of their lives—and ours—depends

¹⁷ The 1951 Convention Relating to the Status of Refugees, adopted by the United Nations (UN), sets out the body of international norms that define who qualifies as a refugee, as well as the rights of such persons and the obligations of states with regard to their protection. The document can be consulted in: United Nations (UN). *Convention Relating to the Status of Refugees*. Geneva, 1951.

on this, because we are interconnected. In the plea for refuge, voiced by Sônia Guajajara, we are reminded of the interdependence among beings and the existential dignity of non-humans: “This is a request for refuge. Yes, the first tree in history to make such a request. Not only on its own behalf. But for all trees, and for all of the Amazon. For you. For us.”¹⁸

Karen Shiratori

An Americanist anthropologist specializing in Indigenous peoples, biodiversity, environmental conflicts, and territorial rights, she works in the Brazilian, Peruvian, and Ecuadorian Amazon. She is currently part of the ERC-ECO project (University of Coimbra, Portugal). She serves as associate researcher at the Centro de Estudos Ameríndios (São Paulo, Brazil), the joint research unit Patrimoines locaux, environnement et globalisation (Paris, France), and the Study Group on Indigenous and Afro-American Cultures (Barcelona, Spain). She is co-editor and contributing author of the book *Voices vegetais: diversidade, resistência e histórias da floresta*, translated into French in 2024.

¹⁸ The letter read by Sônia Guajajara was circulated at the time of the request, and it is from an image I saved that I was able to extract the quotation. I have not since found the letter available online, although it was later included in the campaign “O Jatobá Refugiado” (The Refugee Jatobá Tree), carried out by the agency África for the Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB – Articulation of Indigenous Peoples of Brazil) in 2021.

Projeto gráfico coleção *Jardins do Inhotim*
Graphic design *Inhotim Gardens Collection*
Lana Costa

Projeto gráfico e diagramação *Jardim de Transição*
Graphic design and layout *Jardim de Transição*
Luísa Rabello

Tratamento de imagem
Image processing
Artmosphere Fineart

Produção gráfica
Graphic production
Clarice Lacerda

Impressão e acabamento
Printing and finishing
Rona Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

J37
Jardim de transição / organização de Clarice Lacerda, Maria Carolina Fenati, Sabrina Carmo. – 1. ed. – Brumadinho, MG : Instituto Inhotim, 2026.
288 p. : il. color. ; 14 × 24 cm. – (Jardins do Inhotim ; v. 2)

Inclui bibliografia. Edição bilingue.
ISBN 978-65-988326-3-6

1. Mata Atlântica – Brasil. 2. Cerrado – Brasil. 3. Biomas – Transição ecológica. 4. Paisagismo – Jardins temáticos. 5. Instituto Inhotim (Brumadinho, MG). I. Lacerda, Clarice. II. Fenati, Maria Carolina. III. Carmo, Sabrina.

CDD 577 CDU 574

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



Publicação certificada para compensação de carbono.
This publication is certified carbon neutral.

REALIZAÇÃO

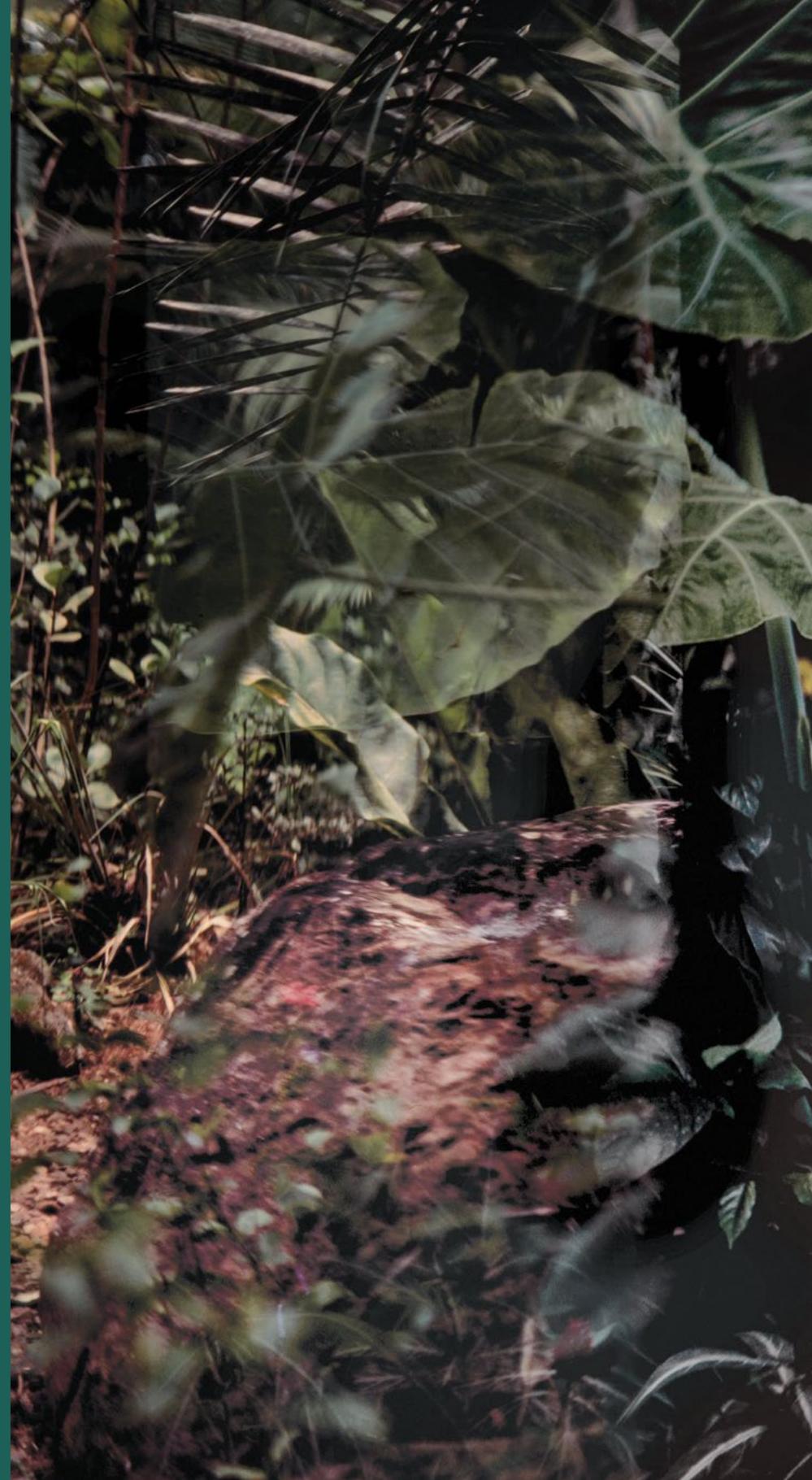


APOIO



A 1ª edição da publicação *Jardim de Transição* foi composta nas fontes Anton, Freight Pro e PP Neue Montreal. Capa impressa em papel Markatto Concetto Bianco 250g/m² e miolo impresso em papel AP 90g/m² em sistema offset. Impressão e acabamento da tiragem de 2.350 exemplares realizados pela Rona Editora em janeiro de 2026 em Belo Horizonte, MG.

The first edition of Jardim de Transição was set in the Anton, Freight Pro and PP Neue Montreal typefaces. Cover printed on Markatto Concetto Bianco 250 gsm; text block printed on AP 90 gsm by offset. Printing and finishing of a print run of 2,350 copies were carried out by Rona Editora in January 2026 in Belo Horizonte, Minas Gerais.



JARDINS DO INHOTIM



Passagem de um lugar a outro, de um estado a outro, de uma condição a outra — no Instituto Inhotim esses e outros significados para transição são especialmente celebrados no jardim temático dedicado ao encontro entre Mata Atlântica e Cerrado. Em *Jardim de Transição*, a pessoa leitora poderá conhecer a história deste jardim, sua proposta paisagística e vocação pedagógica; saber parte das plantas que o compõem e a paisagem geográfica nele condensada; escutar alguns dos saberes de povos indígenas e quilombolas que habitam os territórios por onde se estende a transição dos biomas. O convite é para folhear as páginas da publicação e habitar o ambiente do jardim, traçando entre eles mútuas e potentes relações.

A passage from one place to another, from one state to another, from one condition to another—at the Instituto Inhotim, these and other meanings of transition are celebrated in the themed garden dedicated to the meeting of the Atlantic Forest and the Cerrado. Jardim de Transição (Transition Garden) invites readers to learn about its history, its landscape design, and its educational mission. The book features some of the plant species that comprise the garden, the geographic landscape condensed within it, and the ways of knowing held by Indigenous and Quilombola peoples who inhabit the territories where the transition between these biomes unfolds. We invite you to leaf through these pages and to inhabit the garden environment, forging powerful and reciprocal relationships between book and garden.

REALIZAÇÃO



INHOTIM

APOIO



ISBN 978-65-988926-3-6